

Em busca dos gigantes de couro na localidade de Cabixi (RN), encontramos uma grande diversidade de peixes que nos fez colocar em prática todo nosso conhecimento

# Guaporé e seus encantos

Texto e foto: Francisco José Starling, equipe Mundo Pesca

**E**m julho deste ano, o destino me encaminhou a uma ótima e proveitosa conversa com o Sr. José Luiz, proprietário do Guaporé Pesca Hotel, onde foi acertada a pescaria. Assim, de Porto Velho, onde permaneci apenas 24 horas no Hotel Madeira Mamoré. Voei para Vilhena, o motorista do hotel me conduziu até Cabixi e de lá até o Guaporé. A estrutura do local é perfeita, com cabanas duplas e triplas, bar, sala de TV, salão de jogos, deck de frente para o rio e piscina, além de contar com barcos novos e completos, equipados com motores em média de 40 HP. A cozinha é ampla e com profissionais que garantem ao hóspede pescador, comida deliciosa e farta.

Fui prontamente apresentado ao meu guia, Negão, que conhece a região como a palma da mão, e com a ajuda dele, montei um equipamento compatível com os peixes do rio, aos quais me propunha capturar, taguear (os maiores exemplares para monitorar seu crescimento) e soltar, fomos logo após o almoço para a primeira tarde dos cinco dias de pesca que jamais esquecerei.

#### A CHEGADA

Saímos para o rio no horário mais quente da tarde, em torno das 14h30, e a água mostrava-se ainda gelada (pois na semana anterior tinha ocorrido na região o fenômeno da “friagem”, no qual a temperatura despenca dos usuais 35 graus para 15 ou menos), e os peixes estavam com o metabolismo baixo, resumindo as ações do dia em poucas e pequenas cacharas, o que só avivou ainda mais a vontade de pescar do dia seguinte. Assim, voltamos mais cedo ao hotel para o merecido jantar com direito a descanso.

#### SEGUNDO DIA

Saímos cedo, por volta das 6h30 da manhã. Aqui esclareço, para aqueles que julgam que este horário tardio, que as águas ainda se encontravam frias e que não é aconselhável arriscar-se no rio ainda escuro, já que existem várias pedras e troncos pelo seu leito.



Con et eatem aut latem  
am, cus dollorios eat et  
venditi ut quibus debisse  
rchicipsum harum  
dolenes sequundi



Uma vez no Guaporé, seguimos rio acima, por aproximados 45 minutos até o limite boliviano do rio (divisa do Parque Noel K. Mercado), onde é proibido pescar. Iniciamos a descida rumo ao hotel, parando nos pontos mais promissores. Já no primeiro deles, as ações começaram, inicialmente com cacharas de 57cm, que, com o aquecimento progressivo da água foram aumentando para 69 e 77cm, ainda na parte da manhã.

Assim que paramos numa sombra para saciar nossa fome e, é claro, deixando as varas na espera, a carretilha Abu 6500 já sinalizou uma atividade com seu alarme. O peixe que veio à linha foi o primeiro “de medida” (índice encontrado na tabela do IBAMA, cacharas - 80cm). Embarcado, pesado, medido e tagueado no pesqueiro denominado Mesa (por ser próximo a uma mesa utilizada no Projeto Quelônios da Reserva Boliviana), foi devolvido rapidamente à água. Conforme prognósticos do guia Negão, com a água esquentando a pescaria melhora. E assim foi durante a tarde com bons exemplares de Cacharas, com peso oscilando entre 5 a 7kg.

Mas como as ações dos peixes de couro às vezes diminuam e, meu guia explicando que no Guaporé os Tucunarés frequentam todo o seu leito, inclusive em pequenas corredeiras onde são maiores e mais fortes, me despertou para o prazer de utilizar as iscas artificiais. Adentramos então em um pequeno lago, por um canal de aproximadamente 30 metros que o dividia do rio, com carretilhas de perfil baixo (Abu, Daiwa e Mariner) e linhas de fluorcarbono, utilizamos um pequeno snap de ação de 45lb preto, plugado as iscas de superfície e subsuperfície (zig zara, perversa, borboleta, sardinha e intergreem), resultado, fizemos a festa com inúmeros Tucunarés capturados e soltos após as fotos.

Voltando ao rio com os braços exaustos de fazer arremessos e das brigas com os peixes, voltamos à pesca relaxante dos peixes de couro. Com mais Cacharas registradas e soltas, estas com peso ainda maior, beirando os 8,5 kg. Neste dia, um registro para lembrar, um peixe bateu forte na isca, em um pesqueiro que é comum as Cacharas e os Capararis, após vigorosas

figgadas (figgada e duas confirmadas), o peixe tomou linha e depois veio na direção do barco em alta velocidade, isso me obrigou a recolher freneticamente a linha na carretilha para não deixa-la bambear. Quando o peixão se aproximou do barco, foi direto na direção do motor, o guia Negão rapidamente levantou o motor, visando impedir que a linha enroscasse no hélice. Aí, no meio da briga a linha afrouxou, trouxe o anzol com a isca esmagada até mim, e para meu espanto, no entanto, Negão me falou: “Recolhe agora que o peixe é bom, é um Caparari enorme!” Só então que olhei em sua direção e vi o peixe que estava lá, ao lado do motor, olhando para nós. Decorridos alguns segundos lhe disse que a linha e a isca já estavam em minhas mãos, o peixão então nos olhou pela última vez e se foi calmamente. Hilário, mas trágico, o que era para ter sido meu primeiro Caparari, me escapou por entre os dedos.

Sinceramente, parecia que o peixe queria nos mostrar que era mais esperto que o normal. Ao anoitecer voltamos para o hotel, e desta vez, eu usava óculos, pois no primeiro dia um pequenino mosquito bateu em um de meus olhos, que amanheceu bastante irritado.

#### MUITAS CACHARAS E MEU PRIMEIRO CAPARARI

Voltamos ao rio com um só pensamento, buscar o Caparari, fotografá-lo para a revista, tagueá-lo e devolve-lo à água, se possível filmando a odisseia. Assim, seguimos o ditado: “Peixe grande, isca grande”. Pescamos durante a manhã inteira, só com ações de Cacharas grandes, é verdade, alguns chegando aos 9 kg. Mas nada do caparari, tivemos algumas corridas coincidentes, como aquela do dia anterior, grandes tomadas de linha sucedidas por fortes figgadas, mas que o peixe inesperadamente soltava a isca ao chegar próximo ao barco. Com isso, tracei um modelo de comportamento para o nosso alvo, no qual ele, possuidor de uma cabeça bem maior e mais afilada que o Pintado e a Cachara, segurava a isca fortemente nas maxilas dando aquela conhecida corrida forte, mas que não resultava em figgada.

A pressão exercida na isca pela boca



do peixe impedia o anzol de penetrar com eficiência. Concluí então que, para ser certa, a fisgada deveria ter um poder maior de alavanca, na qual a força do seu maxilar e com uma fisgada mais poderosa, o anzol penetrasse em sua boca. Assim, com o plano de ataque traçado, fomos no encalço do grande peixe na parte da tarde, focados na sua captura. Após o transcurso de horas que pareciam dias, sem a desejada ação, um arremesso desprezioso rente ao mato, um peixe atacou sutilmente a isca. Sentindo a ação da vara Saint de sete pés (2,10 cm), onde a isca era calma, mas determinadamente arrastada, percebi que este comportamento era diferente da corrida frenética da Cachara, e pensei, só pode ser o Caparari.

Fisgando com vontade e confirmando a fisgada por duas vezes, após as quais o peixe repetiu o ato e veio na direção do barco, brigando de fundo e só mostrando sua cara após infindáveis minutos. Era mesmo o Caparari, que com um fôlego sem fim e após grande esforço meu para recolher a linha, nos agraciava com um banho de água do rio, e retomava aqueles metros de linha tão duramente conquistados. Como já havia estudado sobre os hábitos e a extrema força desta espécie, fui trabalhando com calma e determinação. Ele se aproximava de nós, abria aquela imensa boca e a sacudia de um lado para o outro tentando se livrar do anzol, mergulhando em seguida e lutando para passar por baixo do barco para se ver livre daquela armadilha.

O tempo foi passando e com paciência o peixe foi se cansando, aproximou-se do barco o bastante para constarmos que o anzol estava preso apenas em uma fina porção de sua boca que, de uma hora para outra com o esforço final poderia se romper levando por “água abaixo” todo o nosso esforço de captura. No improviso, o meu guia, aproveitando que o peixe nadava contra a corrente para fugir do meu alicate de contenção, meteu-lhe a mão na boca, segurando-o pelo maxilar. Estava ganha a batalha!

Contudo havia ainda árduo serviço de pesar, medir aquele imenso peixe, de 117 cm e com 12 quilos, fazer as fotos da reportagem e ainda, deixá-lo partir são e salvo.

Tomadas as medidas do exemplar e de-



vidamente marcado com a tag, buscamos uma praia próxima, onde pudéssemos fotografar o exemplar. Assim, a cada quatro fotos, eu segurava o bellissimo exemplar dentro d'água, por alguns minutos para que este não se ressentisse e pudesse não ter a saúde comprometida. Entrei na água e pude constatar que ele se encontrava completamente relaxado durante as fotos, feitas na raseira de uma praia, tomando apenas o cuidado com as arraias, presente em quantidade no rio. Após as fotos, quando ele foi solto o guia Negão, foi acompanhando sua saída, enquanto ele nadava para o fundo. Espetacular! Meu primeiro Caparari! Inesquecível!

Ensopado, extravasando felicidade, voltamos ao barco, e ainda tivemos tempo de capturar mais um Barbado e alguns Tucunarés antes de voltar ao hotel, com aquele

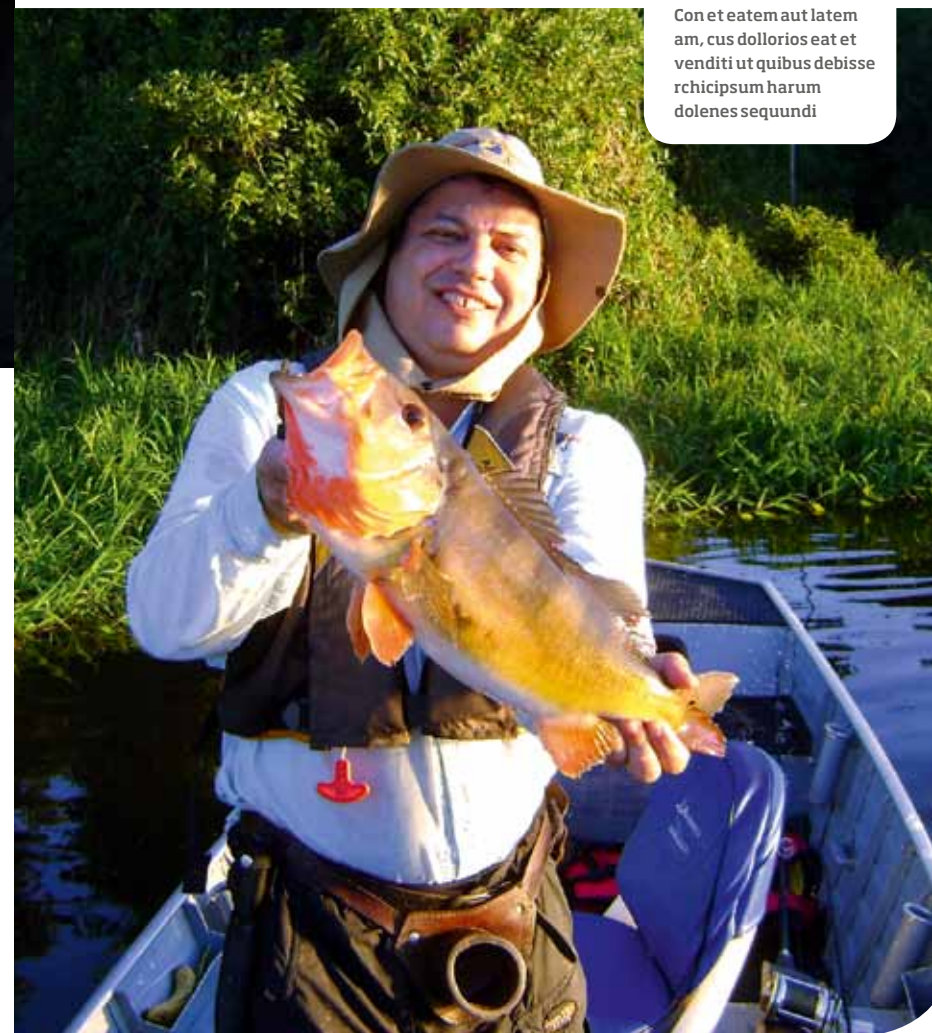
cheiro de floradas no ar e aquela brisa quente do entardecer a nos assaltar no regresso.

#### QUARTO DIA

O dia começou cheio de emoções, pois logo cedo, em um dos pontos de pescaria tivemos ações de Apapás na isca artificial, com direito a saltos acrobáticos, seguido de várias batidas na isca twitchbait (subsuperfície), que culminaram com a fisgada de uma enorme Piranha Preta, fotografada e solta como todos os demais espécimes (exceção daqueles que foram utilizados como isca). Sobre os Apapás, também conhecido como Peixe Novo ou Dourada, eles devem ser manuseados com cuidado, pois possuem serrilha na parte ventral que pode ocasionar em sérios cortes. Igualmente devem ser devolvidos rapidamente à água, pois são espécies sensíveis, que morre fácil se permanecer por mais de cinco minutos fora d'água.

Necessário também esclarecer que, como o Rio Guaporé faz divisa entre Brasil e Bolívia, é proibida a pesca nos limites do parque florestal que já faz parte do território boliviano, lá existem placas informando a proibição. Tal aviso deve ser obedecido, pois existe fiscalização nestas áreas, caso o contrário pode ocorrer apreensão dos materiais de pesca. Todavia, cabível igualmente informar que, pela abundância de lagoas e cursos d'água secundários, não há necessidade de adentrar em território alheio para pescar, sendo que nos lagos são capturados normalmente Jacundás, Cachorras Magras e Tucunarés. Sobre os Tucunarés, eles estão presentes nas lagoas, no rio, tanto junto às suas margens, quanto em trechos de águas mais correntes, toda hora dando notícias de sua presença através dos seus ataques na superfície em busca de pequenos peixes.

Ao pescador que for se utilizar somente de iscas naturais, deverá levar anzóis variados, desde os chamados “mosquito”, até aqueles destinados aos piaus, abundantes na região. Na espera, capturam-se as iscas que conservadas no viveiro do barco serão os chamarizes dos grandes exemplares durante o dia. Assim, na pescaria de pequenos espécimes destinados a servir de isca, foi que nos vieram às mãos exemplares variados da fauna piscívora local.



Con et eatem aut latem  
am, cus dollorios eat et  
venditi ut quibus debisse  
rchicipsum harum  
dolenes sequundi

Foram inúmeros Cascudos, Porquinhos, Piaus de Cabeça Gorda, Timburés, e, até mesmo um espécime que este pescador não tinha a menor idéia de sua existência, um Linguado de água doce, fotografado e devolvido juntamente com os Cascudos. Para tais peixes, a isca escolhida foi a minhoca. Foram também capturados Jacundás na isca de tuvira.

O restante do dia transcorreu sem muitas ações, pois ouvia-se, a toda hora, o ribombar dos trovões, anunciando uma chuva intensa, que todavia, não nos surpreendeu no rio. Mas provavelmente por causa da queda da pressão atmosférica com a tempestade, foram fisgadas poucos peixes, Cacharas pequenas e ao final do dia, um bonito Barbado - já chamado Barba Chata -, que brigou muito, antes de ser embarcado. A atração do dia ficou com a fauna local, com visão de gaviões (pretos, caramujeiros, pintados e marrons), ainhumas, biguás, patos selvagens, macacos (bugios e macacos prego) e uma enorme anta flagrada em pleno banho de rio.

### SEGUNDO E MAIOR CAPARARI

A chuva do dia anterior acabou sendo benéfica aos pescadores, pois os peixes vieram com fome dobrada. No primeiro espriado que paramos, a primeira isca arremessada foi direto na boca de um Cacharão de 8,5kg, com direito a tomadas frenéticas de linha fazendo crer que poderia inclusive ser mais um Caparari. Brigou de fundo tentando se emaranhar na borda da vegetação, correu em direção ao barco com risco de raspar a linha no casco e no motor, por fim, já ao lado do barco, sacudia a cabeça tentando afrouxar a linha e livrar-se do anzol. Foram 15 minutos de adrenalina pura, dos quais dez deles sem ver a cara do peixe. Foto feita, peixe marcado e solto. Após todo o confronto, ainda voltou para a água dando um golpe com a cauda e molhando a todos no barco.

Fomos à outra praia, tentando o novo contato com o Caparari, mas após as iscas naturais serem lançadas, vários rebojos denunciaram o cardume de Apapás e com varas médias/pesadas já prontas no

secretário, o resultado foi vários peixes fisgados, com direito a saltos dourados e escapadas bem à beira do barco. Como as ações de fundo foram somente duas corridas sem fisgadas, resolvemos mudar de ponto e fomos a um canal com vegetação em uma pequena baía do Guaporé, próximo da localidade conhecida na região como "Cofapi". No primeiro ponto, foram três ações, com duas corridas alucinantes em que as fisgadas não se mostraram eficientes, e uma ação de fundo, com muita força e peso, mas com pouca briga que, foi

proporcionada por uma Arraia de Fogo.

Já no segundo local, lançamos as iscas e as Piranhas não atacaram, denunciando a presença de peixes grandes. Assim, nos esmeramos na isca, duas cabeças de Piau Timburé e lançamos duas linhas, uma na parte mais profunda da baía e outra mais próxima à margem e, enquanto a chuva fina nos assolava, permanecemos por pouco mais de duas horas sem qualquer ação, quando na vara de carretilha mais leve (ABU 6500 com linha 0,57mm) um pequeno movimento denunciou o peixe.



Con et eatem aut latem am, cus dollorios eat et venditi ut quibus debisse rchicipsum harum dolenes sequundi

**NOTA:** Conforme já descrito anteriormente, mesmo não sabendo ao certo o que motiva os Capararis a tal comportamento (se a época do ano, a temperatura da água ou a abundância de alimentos), mas o fato é que os Capararis estavam segurando fortemente a isca na boca, impedindo que o anzol penetrasse quando as fisgadas eram realizadas, fazendo com que o peixe, logo depois da corrida, simplesmente abrisse a boca e soltasse a isca.

Quando o peixe sinalizou e deu a primeira corrida, fisguei repetidas vezes e aí ele brigou feio, deu mais uma corrida e rompeu a linha. Chateado e frustrado, pensei inicialmente ter sido a força imprimida nas fisgadas sucessivas a responsável pela perda do peixe, mas recolhendo

a linha notei vários pequenos triscos na linha, causados por pequenas piranhas e que enfraqueceram sua capacidade de tração, causando o rompimento. Revi então detidamente o material utilizado e descartei alguns metros de linha que se mostravam em tal estado, colocando novo girador, snap e anzol 12/0 encastado, com nova cabeça de Piau Verdadeiro.

Fiz novo arremesso exatamente no mesmo local da primeira ação e, após cerca de 10 minutos, outra ação foi denunciada pela ponta da vara. Dessa vez fisguei forte e confirmei por mais duas vezes, deixando que a linha ficasse bem esticada antes de fisgar com vontade. O peixe deu trabalho, tomando linha e brigando muito no fundo, mas ao chegar perto do barco estranhamente não fez como o primeiro Caparari e não sacudiu a cabeça nem deu rabadas de água para dentro do barco. Pego pela boca

e a explicação não tardou, pois apesar da marca de fisgada, no curso da briga o anzol acabou se fixando no início do "bucho" do peixão, deixando sua briga junto ao barco bem mais amena. Assim, embarcado, com todo cuidado enfiei a mão e o braço - até próximo do cotovelo - dentro da boca do espécime e retirei calmamente o anzol que estava preso, sem causar qualquer dano ao Caparari. Foi então procedida sua medição, constatando seu porte: 1,18m e 12,5kg. Tagueado e fotografado, foi devolvido à água plenamente restabelecido. Vitória!

### A FISCALIZAÇÃO

Poucos minutos após ter liberado o peixe e ainda impregnado por seu cheiro, dois barcos surgiram na curva do rio e foram se aproximando do nosso. Pudemos constatar que eram camuflados e em cada um vinham quatro soldados. Um deles nos abordou e o outro se manteve mais distante. Com cordialidade e educação, o Sargento Bezerra, responsável temporário pela guarnição do Exército Brasileiro no estado do Mato Grosso (faz divisa com Rondônia) nos solicitou a documentação (licença de pesca, arrais e documentação do barco) e quando lhe disse que tinha acabado de pescar um peixão, ele me pediu para vê-lo. Mostrei as fotos do Caparari e ele me perguntou onde estava o peixe, então lhe mostrei a filmagem do peixe sendo solto. Ele me perguntou se aquele peixe não era bom para comer, e lhe respondi que sim, mas que eu só media, pesava, marcava e soltava, o que ele achou interessante, pois essa ainda não é uma mentalidade comum aos pescadores no local. Eles verificaram a documentação e se despediram. Durante várias vezes até o final da pescaria ainda encontramos a guarnição em patrulhamento, sendo este um exemplo de serviço conjunto (PMMT e Exército Brasileiro/MT) feito com rigor e educação, que certamente ajuda a manter e preservar o rio Guaporé. Parabéns aos responsáveis pela ação!

### FINAL DA TARDE

Após a visita da fiscalização, comentei com o guia que se tal política de fiscalização educada fosse aplicada de forma mais maciça nos rios brasileiros, certamente



seriam menores as ocorrências de crimes ambientais, bem como os acidentes causados por gente que pilota barcos sem a devida qualificação.

Decidimos mudar o ponto de pesca, pois já era hora de iniciar a descida do rio, parando em outros pontos promissores e adiantando assim nossa volta. Após navegarmos por mais 20 minutos, paramos próximos a uma vegetação flutuante (Tarope), embaixo da qual muitas vezes se escondem as Cacharas e Capararis.

Linhas na água e varas na espera, os rebojos denunciaram ataques de Tucunarés a não mais de dez metros de onde estávamos, me fazendo rapidamente lançar uma isca de superfície em nado de Zara. Porém os exemplares seguiam a isca e não atacavam, o que me levou a voltar a utilizar a subsuperfície Perversa. Foram três bons Tucunarés fisgados na sequência e as ações terminaram. Voltei então minha atenção às varas de espera, que logo denunciaram que a linha estava sendo lentamente levada para baixo do Tarope. Com o dedo polegar - devidamente protegido por esparadrapo para evitar acidentes - pressionando o carretel, esticando a linha e abaixando a ponta da vara até que ela praticamente encostasse na água. E tome fisgada! Só depois recolhi o excesso e desliguei o alarme da carretilha. Confirmei a ferrada e trabalhei o peixão. Após várias tentativas de entrar no meio da vegetação (fazendo que fosse necessário puxar o barco com o motor para o meio do rio), pude ver o grande exemplar, que mediu 94cm e pesou 9kg. Lindo! Com a adrenalina ainda a latejar no peito e a vista do entardecer, voltamos ao hotel para o banho, o jantar e o merecido descanso.

### DESPEDIDA

No último dia de pesca a minha saída do hotel estava agendada para 13h e para otimizar a pescaria, não fomos muito distante. Dessa forma, fomos até um profundo poço, perto de uma ilha habitada por patos selvagens, corta-rios e gaiotas de rio, onde havia um remanso, onde a isca ficava rodando no poço, até que fosse atacada.

Pela primeira vez na pescaria utilizamos chumbada, pois pretendíamos que a isca não ficasse rodando na meia água, mas descesse até o fundo. Lançadas as varas e devidamente colocadas nos secretários, com a isca artificial iniciei uma varredura, tentando localizar Corvinas, Tucunarés, Apapás ou Cachorras.

Primeiro engatei uma grande Piranha e logo depois uma Cachorra de tamanho razoável (em torno de 4kg). Ambas posaram para as fotos e foram devolvidas ao rio. Após um breve período de descanso e hidratação, a linha foi sendo deslocada contra a corrente e percebi que o peixe, devagar, levava a isca na boca. Dei-lhe uma forte ferrada e ele só cabeceava, sem brigar propriamente, só pesando como fazem as tartarugas, cágados e Armaus. Fui recolhendo e lá estava um imenso e pré-histórico Armau (também chamado de Abotoado, Botoado e Serrudo), que felizmente ele não engoliu o anzol, sendo fotografado e solto com muito cuidado, pois além dos grandes



Con et eatem aut latem  
am, cus dollorios eat et  
venditi ut quibus debisse  
rchicipsum harum  
dolenes sequundi



espinhos na lateral do corpo ainda possui fortes ferrões laterais serrilhados, com os quais podem prender e machucar os dedos do pescador mais afoito.

Depois desse peixão (mais de 8kg), outro ainda veio posar para as fotos, mas era bem menor (cerca de 4kg). Buscamos ainda outros locais de pesca próximos à pousada, mas pela fraca incidência de peixes nesse dia (precedido por grande tempestade durante a madrugada) deduzi que a pressão atmosférica deveria estar interferindo mais uma vez no metabolismo dos peixes. Resolvemos voltar mais cedo para arrumar a tralha e oficialmente encerrar a pescaria.

### OBSERVAÇÕES FINAIS

A natureza do Rio Guaporé ainda é muito preservada, sendo aconselhado pelos guias locais da pousada a prática do pesque e solte, mas ainda existem pescadores renitentes com esta nova realidade, que diante da falta de estipulação de tamanhos máximos para captura feita pelo IBAMA (só existe atualmente fixação de tamanhos mínimos), abatem os grande exemplares.

No fundo é tudo uma questão de admitir a mudança dos “tempos da matança” até o limite da cota e aceitar a nova realidade do pesque e solte e da preservação.

Todos sabemos que a mudança de mentalidade é gradativa, mas para manter viável nosso esporte e terapia, cada um de nós deve fazer sua parte: sacrificando - no máximo - um peixe para degustar à beira do próprio rio e utilizando peixarias e supermercados como forma de abastecer-se de carne de pescador.

O ideal seria que todas as pousadas de Cabixi se comprometessem a estipular o pesque solte obrigatório (cota zero), zelando pela sustentabilidade e preservação do local, lembrando ao turista pescador que o peixe morto só traz a alegria da fisgada uma vez, enquanto que durante sua extensa vida, poderia gerar essa mesma alegria inúmeras vezes, além de emprego e condições dignas de vida à população local.

Ainda sobre a pescaria, alguns comentários demonstram quão interessante são os costumes regionais. No Guaporé não se usa chumbada, sendo o peso do tolete de

peixe ou peixe inteiro, o que faz com que os enroscos sejam raros e o chumbo perdido não se torne um poluente no curso do rio. Somente para se ter uma ideia da diferença que tal fator faz ao final de pescaria, meu primeiro anzol perdido foi na parte da tarde do terceiro dia e ao todo foram apenas cinco.

Deve igualmente ser ressaltado que são - normalmente - as Piranhas que atraem os peixes grandes até a isca, através do frenesi alimentar, que desperta o instinto predador e a curiosidade dos Capararis, Cacharas e Pirararas. Também os Botos, que muitas vezes “pegam” os peixes fisgados, dando um susto no pescador pela sua força desmedida e comendo o peixe capturado, “limpando” o anzol.

Deste modo, onde o boto está presente, a cadeia alimentar está plena! Digo isso pois me aconteceu ao fisgar uma bonita Cachara de 7,5kg, onde a filmagem feita denuncia uma grande marola provocada por um Boto, que veio até um metro de distância do barco e ficou alerta para pegar o peixe, o que só não aconteceu porque mantive o peixe fisgado na raseira, onde o Boto não se aventura.

Assim, devemos evitar ver as Piranhas e os Botos como “aqueles que estragam nossa pescaria” e passar a vê-los como donos da casa na qual somos hóspedes pescadores, respeitando e interagindo com eles de forma harmônica.

Como na época de julho o rio Guaporé possui muitos espriados, é possível a pesca “no visual”, lançando as iscas naturais e artificiais praticamente “nas barbas do peixe”. Mesmo assim, um bom guia é fundamental para o sucesso da pescaria e suas instruções devem ser seguidas, já que ele conhece o rio como nós conhecemos nossa casa, transferindo segurança ao navegar, mesmo ao final da tarde, quando a visibilidade é reduzida!

Por fim, um agradecimento ao José Luiz, proprietário do Guaporé Pesca Hotel; à Silvani, sua gerente; ao guia Negão, bem como à toda a equipe pela acolhida carinhosa e eficiente que tive. Ainda faltaram as Pirararas, as Corvinas e os Trairões, mas essas ficam para a próxima visita ao Guaporé. **MP**